

Viagens e viajantes: uma visão artística do Portugal de Setecentos

O grande número de viajantes estrangeiros que Portugal e, em geral, toda a Península Ibérica conheceu ao longo dos séculos XVIII e XIX constitui um fenómeno curioso que tem vindo a ser estudado ao longo destes últimos anos com o cuidado e interesse que verdadeiramente merece.

Todos eles deixaram registadas em livros, de maior ou menor qualidade literária, as impressões das suas viagens, levando a cabo a divulgação do nosso país, do seu povo e dos seus costumes pela Europa fora. Aos olhos dessa mesma Europa, Portugal pouco mais era do que um vago eco do poeta Camões, do mito de D. Sebastião ou dos amores trágicos e ilícitos de Inês de Castro. Estes relatos de viagens fabricaram uma determinada imagem de Portugal, em certos aspectos quase que estereotipada, que depois ‘venderam’ nos seus países de origem. E porque a visão do «Outro» sobre a realidade portuguesa de então tinha que ser forçosamente diversa da nossa, tal facto contribuiu para conferir a estes depoimentos um interesse sempre actual.

Na verdade, estes curiosos viajantes oriundos de outras culturas estranharam por certo a realidade da vivência peninsular. Recorde-se, apenas, entre outros aspectos, o «rigor» político da vida portuguesa de então, a acção da Inquisição e as consequências nefastas que isso trouxe ao desenvolvimento da mentalidade portuguesa e até da própria vida económica que assim se afastava cada vez mais do sonho dessa nova era industrial que nascia no resto da Europa; é de salientar, ainda, a grande ‘azáfama’ de Pina Manique e o poder da sua Intendência que procurava a todo o custo manipular as ideias, por assim dizer «inovadoras» desta altura.

Voltando aos viajantes, podemos afirmar que as suas impressões de viagem contribuíram para um enraizamento da nossa identidade nacional. A propósito

deste novo género de literatura, que vulgarmente se passou a designar por literatura de viagens, João Almeida Flor afirma que ela pode transformar-se «num significativo contributo para esse reencontro com a nossa terra e com nós próprios, mesmo quando a imagem que vemos reflectida se revela insuspeitada ou nem sequer é a mais lisonjeira» (Flor, 1978: 13). É sabido, realmente, que alguns desses viajantes, e não se pode dizer que tenham sido poucos, nos olharam com bastante desconfiança, emitindo juízos que rapidamente se generalizaram e que em nada abonaram a caracterização desta nossa raça lusa ...

Acrescentemos, ainda, que os relatos destes viajantes vieram confirmar a ideia de que a identidade cultural de um povo não se cria tão somente através daqueles que falam a mesma língua, mas também com o contributo de nativos de outras culturas.

As imagens colhidas por estes curiosos são, por certo, diversas e aparentemente até um pouco dispersas, passando os autores de questões de história local, para o campo da arte, do comércio, da literatura, da geografia e da etnografia de forma um tanto indiscriminada. ‘A visão do Outro’, diz ainda a mesma fonte, é condicionada quer por coordenadas biográficas, quer pelas correntes literárias com que o autor melhor se identifica e que afinal explicam também a visão individual de certos elementos paisagísticos, por exemplo. A percepção da realidade é outra porque outros são também os contextos culturais desses mesmos viajantes.

Aos Ingleses em viagem referia-se Eça de Queirós nos seguintes termos, com a perspicácia e a graça de sempre: «O inglês não se diverte no estrangeiro; não compreende as linguas; estranha as comidas; tudo o que é estrangeiro, maneiras, ‘toilettes’, modos de pensar, tudo o choca; desconfia que o querem roubar; tem a vaga crença de que os lençóis nas camas d’hotel nunca são limpos; [...] se o seu ‘Guia’ lhe afirma que na cathedral de tal [sítio] ha seis columnas e se elle so encontra cinco, fica infeliz por toda uma semana. [...] Enfim, o inglês em viagem é um ser desgraçado» (Queirós, 1907: 23-24). Não foi certamente este o caso de James Cavanah Murphy, o viajante de quem nos vamos ocupar, nem podia ser a ele que Eça se referia, pois a sua permanência em terras portuguesas decorreu bastante bem, facto que lhe causou satisfação, a avaliar pelo que deixou escrito.

Tentando localizar numa breve perspectiva historicista a possível origem dos livros de viagens, verificamos que surgem um pouco na esteira, já remota, dos diários das viagens do Renascimento e da descoberta do Novo Mundo. Embora pertencendo a outro género, poderíamos aqui enquadrar, naturalmente com as devidas reservas, Camões e o seu ‘Livro das Viagens dos Portugueses’.

Avançando um pouco mais no tempo, chegamos à viragem do século XVII e deparamo-nos com um fenómeno tipicamente inglês, conhecido pelo nome de

‘Grand Tour’, que significava a primeira grande volta ao continente europeu, que o jovem inglês empreendia com um intuito mais instrutivo do que propriamente de diversão. O ‘Grand Tour’ é, pois, responsável pela explosão de inúmeros relatos e diários de viagem que surgiram nesta época. O aparecimento das obras de Tobias Smollett, *Travels through France and Italy*, publicadas em Londres no ano de 1766, bem como *A Sentimental Journey through France and Italy*, de Lawrence Sterne, publicada dois anos mais tarde, que se baseiam em viagens feitas através da imaginação, abrem novos caminhos para um género de literatura em que a opinião pessoal, cada vez mais intencionalmente, se vai sobrepondo à informação de carácter puramente utilitário. Estes são sinais de que o Romantismo europeu se aproxima e com ele a necessidade de transmutação dos factos reais por intermédio de forte sentimentalismo e sensibilidade, que por vezes chega a tocar a esfera do sublime, quando não mesmo do absurdo.

É bem verdade que certos nomes do Romantismo estão, portanto, associados não só às viagens, mas também à própria literatura que dela derivou; lembremos tão somente Rousseau (*La Nouvelle Héloïse*, publicada em 1761), Voltaire (*Lettres Anglaises*, de 1734), Goethe e, certamente, Byron (*Childe Harold’s Pilgrimage*, poema publicado em 1812), para não nos alongarmos mais.

Época de intensa actividade intelectual e de um forte sentimento de cosmopolitismo, o século XVIII foi a ‘galinha dos ovos de ouro’ para os viajantes em geral e também o período de maior número de viajantes ingleses, que buscavam na Natureza o pitoresco, o belo, o sublime, em suma, tudo aquilo que pudesse ser diferente. Foram ainda eles que realmente descobriram a beleza do cenário do Reno, antes dos próprios alemães, e Sintra antes mesmo dos portugueses¹. O homem romântico, contemporâneo de todas as transformações industriais, vendo na cidade a fonte de tantos desequilíbrios, procura na Natureza o local de verdadeiro reencontro.

Sem ser propriamente um romântico, mas preparando já o caminho para a visão romântica da viagem, James Murphy enquadra-se perfeitamente na época em que viveu; porque imbuído do espírito do seu tempo, fez um tipo de interpretação romântica da paisagem portuguesa, física e humana. É dentro deste contexto que se compreende melhor a emoção que transparece na descrição que faz da ‘patine’ das pedras do Mosteiro da Batalha (Murphy, 1795a).

Diferentemente da grande massa dos restantes viajantes, Murphy possuía realmente uma formação específica: era um arquitecto, no sentido do termo no século XVIII. Nascido na Irlanda em 1760, desde cedo mostrou inclinação para

¹ No poema de Byron, a paisagem de Sintra surge perfeitamente idealizada como o «jardim do Paraíso». Antes dele já muitos outros autores se haviam referido a este recanto da terra portuguesa.

o desenho, que primeiro estudou em Dublin, e, mais tarde, em Londres. Perante a escassez de dados biográficos deste artista — também pouco relevantes no presente contexto — sabe-se que morreu em Londres no ano de 1814, e, pouco mais, interessa apenas destacar que da sólida amizade com outro irlandês, *Sir William Burton Conyngham*, nasceu esta ‘aventura’ de Murphy em terras portuguesas que se inicia com a sua chegada ao Porto no princípio de 1789, para só terminar no fim do ano de 1790.

Foi de facto Conyngham quem financiou o projecto de Murphy (estada e, mais tarde, a edição da obra sobre a Batalha), que afinal nada mais fazia do que aceder com grande entusiasmo ao pedido daquele para se deslocar a Portugal com o propósito de levar a cabo um estudo técnico, com desenhos de plantas, perfis e alçados do Mosteiro da Batalha, esse magnífico exemplar da nossa arquitectura nacional, misto de gótico e de manuelino. Durante as treze semanas em que afincadamente se dedicou ao seu trabalho, contou Murphy com a hospitalidade dos bons frades Dominicanos. Estavam pois lançados os alicerces daquela que viria a ser a nossa primeira monografia sobre o Mosteiro de Santa Maria da Vitória, a única obra no género, entre nacionais e estrangeiras, sobre um monumento do património artístico português. Pela sua importância, tornou-se uma obra de consulta obrigatória para todos aqueles que, depois de Murphy, resolveram estudar o referido monumento.

Também o carácter técnico da obra é bem esclarecedor da mentalidade da época e do desejo de novos conhecimentos de âmbito científico. O reconhecimento do interesse que suscitou pode ainda ser avaliado pelo aparecimento de uma 2ª edição aproximadamente 40 anos mais tarde, em época de pleno revivalismo do gótico em Inglaterra e, conseqüentemente, do já mencionado sentimento romântico. No entanto, é por certo curioso que entre as 27 gravuras que ilustram esta obra (as restantes são de forma idêntica profusamente ilustradas), feitas a partir de desenhos aguarelados de Murphy, fazemos especial referência àquela em que concebe o acabamento das Capelas Imperfeitas com tectos octogonais, de nítida inclinação neo-clássica e que, por conseguinte, em nada se assemelha à elegância das flechas góticas. Tal facto explica-se, por um lado, através da formação marcadamente classizante que Murphy recebera, e, por outro, a escolha daquele monumento para objecto do seu estudo é sintoma da tendência que na época fazia reviver em Inglaterra o gosto pelo gótico medieval.

A partir de uma carta que em Março de 1789 escrevia ao seu patrono e que presentemente se encontra na Sociedade dos Antiquários em Londres², ficamos

² Esta carta, juntamente com outras duas, pertence à Sociedade dos Antiquários em Londres e faz parte do manuscrito que contém os desenhos originais de Murphy sobre a Batalha, com indicações e explicações à margem para os gravadores seguirem na altura da publicação da obra.

a saber que se propunha estudar o Mosteiro de Alcobaça de forma semelhante ao que havia feito para a Batalha, nada tendo no entanto ficado que o comprove³.

Animado pelo êxito do seu trabalho e pelo bom acolhimento dos Dominicanos, Murphy resolveu prosseguir viagem em direcção ao sul do país. Das impressões desta primeira viagem em Portugal, que não seria a última, nasceram *Travels in Portugal*, publicadas em Londres em 1795 e *A General View of the State of Portugal*, que veio a lume na mesma cidade, três anos mais tarde.

Em *Travels in Portugal* estamos perante o tradicional relato de viagem, obra em que já existe a intenção de instruir de forma prazenteira; ela diverte o leitor apelando à sua imaginação, sem no entanto fazer uso da ficção como o romance. Lendo-a, confrontamo-nos com um vasto leque de informações: da esfera moral o autor passa para a política, para a observação dos usos e costumes, para a religião, para a análise das instituições governamentais, da literatura e da cultura em geral.

Abrimos aqui um pequeno parêntesis com o objectivo de salientar o facto de que Murphy conseguiu alcançar um conhecimento razoavelmente bom da Língua Portuguesa, ao ponto de efectivamente ter traduzido trechos da *Primeira Parte da História de São Domingos*, de Frei Luís de Sousa, que incluiu em *Plans of Batalha*. Sabemos que à sua chegada ao Mosteiro, Murphy não falava nem compreendia português.

Mas, retomando *Travels in Portugal*, também ela fonte de informação para as obras posteriormente surgidas, mesmo quando não expressamente citada, a sua riqueza informativa a par dos pormenores descritivos e técnicos, compreensíveis no âmbito da formação específica de Murphy, conferem também a esta obra um forte sentido estético.

Em estilo directo e linguagem do quotidiano, James Murphy deixa de vez em quando transparecer um certo tom irónico e implicitamente crítico; é o que sucede quando descreve, por exemplo, a sua chegada ao Porto, bem como o respectivo desembarque e burocracias alfandegárias. Transcrevemos a tradução que dela fez o nosso romancista Camilo que, naturalmente, em nada desmerece o original:

Depois da visita da alfandega, ficamos esperando a do médico, que por se achar adoentado mandou um substituto. Este filho bastardo de Esculápio ordenou que todas as pessoas a bordo subissem ao convés, e elle poz-se a examinal-as da praia fronteira, a distancia de umas dusetas jardas. Eu não pude tambem deixar de o examinar d'alto

³ A partir de uma outra carta de Murphy tivémos conhecimento de mais um pedido solicitando apoio financeiro para a realização de um projecto que poderia ter sido, caso tivesse obtido parecer favorável, o primeiro inventário artístico de Portugal e que receberia por título «Antiguidades de Portugal».

a baixo, por que nunca meus olhos lobrigaram um tão exquisito figurão da classe medica! A julgar dos seus talentos pelo trajar (criterio hodierno do merecimento) pouco havia que esperar. Parecia menospresar os usuaes atavios da faculdade — o chapeo das grandes abas e o rabicho a pender da nuca (...). Vestia um gorro vermelho, jaqueta azul, esburacada nos cotovellos. Observou-nos alguns minutos, e proferiu as palavras seguintes: ‘Certifico que todos se acham de perfeita saude’. (Castelo Branco, 1885: 52-53).⁴

Foi também com interesse que Murphy retratou os trajes portugueses mais pitorescos, principalmente os das classes sociais mais baixas; contam-se na sua galeria de ‘retratos’ a vendedeira de fruta, o aguadeiro, a camponesa do Alentejo, o carreteiro, entre muitos outros. Apesar de algumas dessas figuras terem ficado a dever mais à imaginação do autor do que à própria realidade, não foi por isso que a obra de James Murphy deixou de ser considerada como o verdadeiro *vademecum* de qualquer viajante da época em Portugal⁵.

Entre os pontos de paragem do seu itinerário, destacam-se, além do Porto, onde esteve quase só de passagem, Coimbra, Leiria, Lisboa e Sintra, inevitavelmente; seguindo-se Mafra, Alcácer, Évora e Beja, não havendo qualquer notícia de que tenha chegado ao Algarve, talvez devido à ausência de monumentalidade do seu património.

A hospitalidade com que foi também acolhido por certas personalidades eminentes da vida nacional, como o Abade Correia da Serra e Fr. Manuel do Cenáculo, possibilitou-lhe o acesso a fontes documentais, de que a grande maioria dos viajantes se viu privada. Tal facto é também elucidativo de que as actividades de Murphy eram já conhecidas no pequeno meio cultural da época.

A propósito de Sintra, cuja Natureza particularmente elogiou, facilmente se depreende a admiração que sentiu perante, por exemplo, a paisagem da Serra:

Para onde quer que os olhos se voltem, o nosso espírito deixa-se levar pelas terríveis obras da Natureza. De um lado apresenta-se o oceano imenso cuja superfície se esbate no azul do horizonte; mais em baixo, um vale profundo que mais se assemelha a uma majestosa caverna. Pela encosta há massas de pedra suspensas, esfaceladas, que se erguem do solo por toda a parte, parecendo querer despenhar-se ao mais leve tremor e, assim, destruir a aldeia. (Murphy, 1795b: 244. Tradução nossa).

⁴ Veja-se Murphy, 1795b: 5.

⁵ Tanto *Travels in Portugal*, como *A General View of the State of Portugal* foram obras consultadas pelos outros viajantes que vieram depois de Murphy, apesar de a última se aproximar mais do tipo das geografias descritivas, também muito em voga na época.

A respeito da literatura portuguesa, os seus conhecimentos revelaram-se bastante deficientes, como, aliás, acerca da cultura do país em geral; o assunto não parece tê-lo motivado suficientemente a ponto de ter procurado apresentar opiniões mais consistentes e fundamentadas. Assim, após escassas observações soltas, bastante descontextualizadas, em relação a *Os Lusíadas*, cuja tradução de J. Mickle parece ter conhecido, e, ao tema de Inês de Castro, muito em voga na Inglaterra de então, Murphy passa para o plano da historiografia portuguesa, sentindo-se de imediato um maior à vontade do autor neste campo.

Na cidade de Lisboa, onde permaneceu ao longo de dez meses, reparámos com alguma admiração na pouca atenção que prestou ao terramoto de 1755, bem como à política de reconstrução da cidade. Na qualidade de arquitecto, este deveria ter sido um ponto de reflexão de natureza obrigatória. No entanto, a sua atenção estava sem dúvida mais virada para a descrição do património existente à data.

Muito embora no trabalho de Murphy surjam aspectos que, à primeira vista, podem parecer algo contraditórios, pensamos que traduzem apenas a complexidade de valores e de ideias de uma época conturbada como foi o século XVIII. É por isso que, se por um lado Murphy aparenta certa objectividade e didactismo em *A General View of the State of Portugal*, por outro, no seu livro de viagens aproxima-se já dos viajantes românticos ao sentir a força da paisagem portuguesa, na procura do sublime e do pitoresco. É importante contudo recordar a atenção que deu realmente aos nossos monumentos e, sobretudo, não esquecer a realização da obra sobre o Mosteiro da Batalha, que ainda hoje é ímpar em relação ao património artístico português.

Referências bibliográficas

- ADAMS, Percy (1983) — *Travel Literature and the evolution of the novel*, Lexington, University Press of Kentucky.
- CASTELO BRANCO, Camilo (1885) — *Serões de S. Miguel de Seide*, Porto, Livraria Civilização de Eduardo da Costa Santos.
- FLOR, João de Almeida (1978) — *Sintra na literatura romântica inglesa*, Sintra, Publ. da Câmara Municipal de Sintra.
- MACAULY, James (1975) — *The Gothic Revival 1745-1845*, Glasgow and London, Blackie.
- MEAD, William Eduard (1914) — *The Grand Tour in the Eighteenth Century*, Boston and New York, University Press Cambridge.
- MORRILL, Mary Sue Robinson (1975) — *The British Literary Traveller on the Continent, 1795 to 1825*, New York, University Press.

- MURPHY, James (1798)—*A General View of the State of Portugal* [...], London, Printed for T. Cadell Jr. and W. Davies.
- MURPHY, James (1795a)—*Plans, Elevations, Sections and Views of the Church of Batalha* [...], London, Printed for I. and J. Taylor.
- MURPHY, James (1795b)—*Travels in Portugal, Through the Provinces of Entre Douro e Minho, Beira, Estremadura, and Alem-Tejo in the Years 1789 and 1790* [...], London, Printed for A. Strahan and T. Cadell Jr. and W. Davies.
- PEVSNER, Nikolaus (1943) — *Perspectivas da Arquitectura Europeia* (trad. de Ernesto Sousa), Lisboa, Editora Ulisseia.
- QUEIRÓS, Eça de (1907) — *Cartas de Inglaterra*, 2.^a ed., Porto, Livr. Chardron.
- SOUSA, Fr. Luis de (1866) — *Primeira Parte da Historia de São Domingos particular do Reino e conquistas de Portugal* [...], Lisboa, Typographia do Panorama.
- WALTER, Félix (1927) — *La Littérature Portugaise en Angleterre à l'époque romantique*, Paris, Librairie Ancienne Honoré Champion.